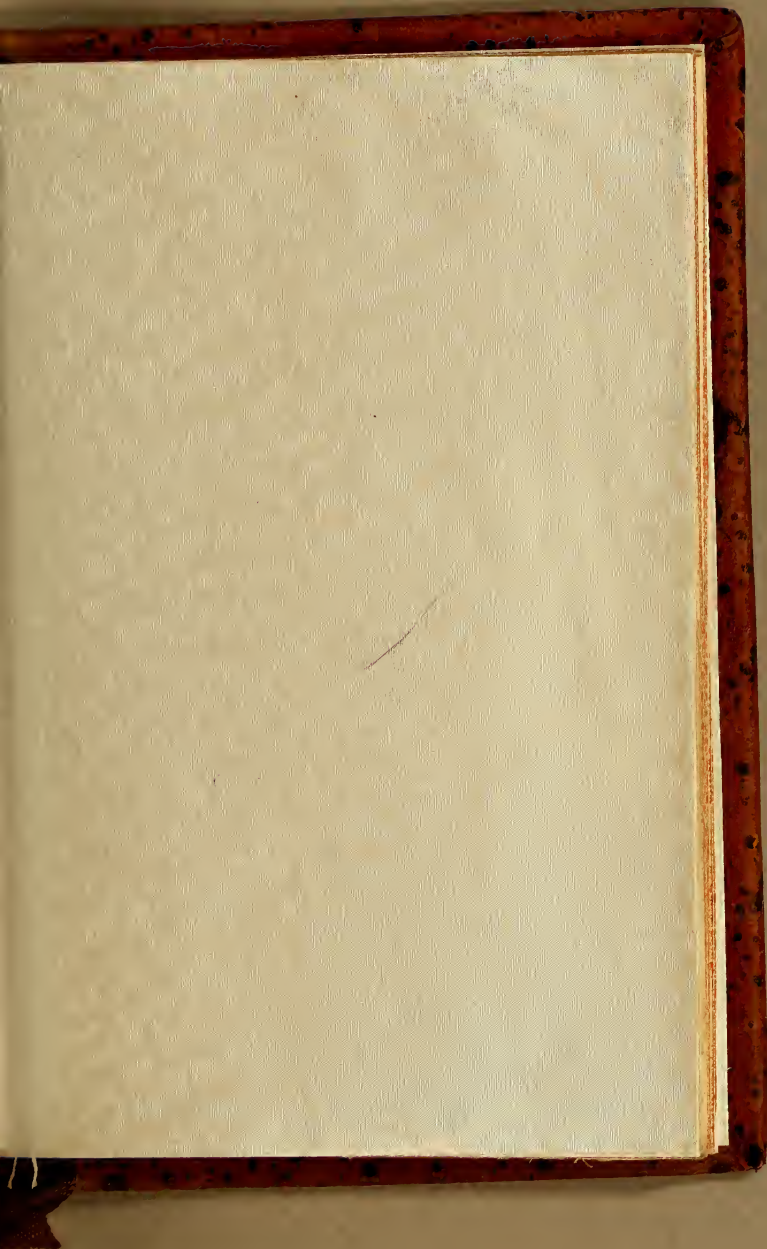
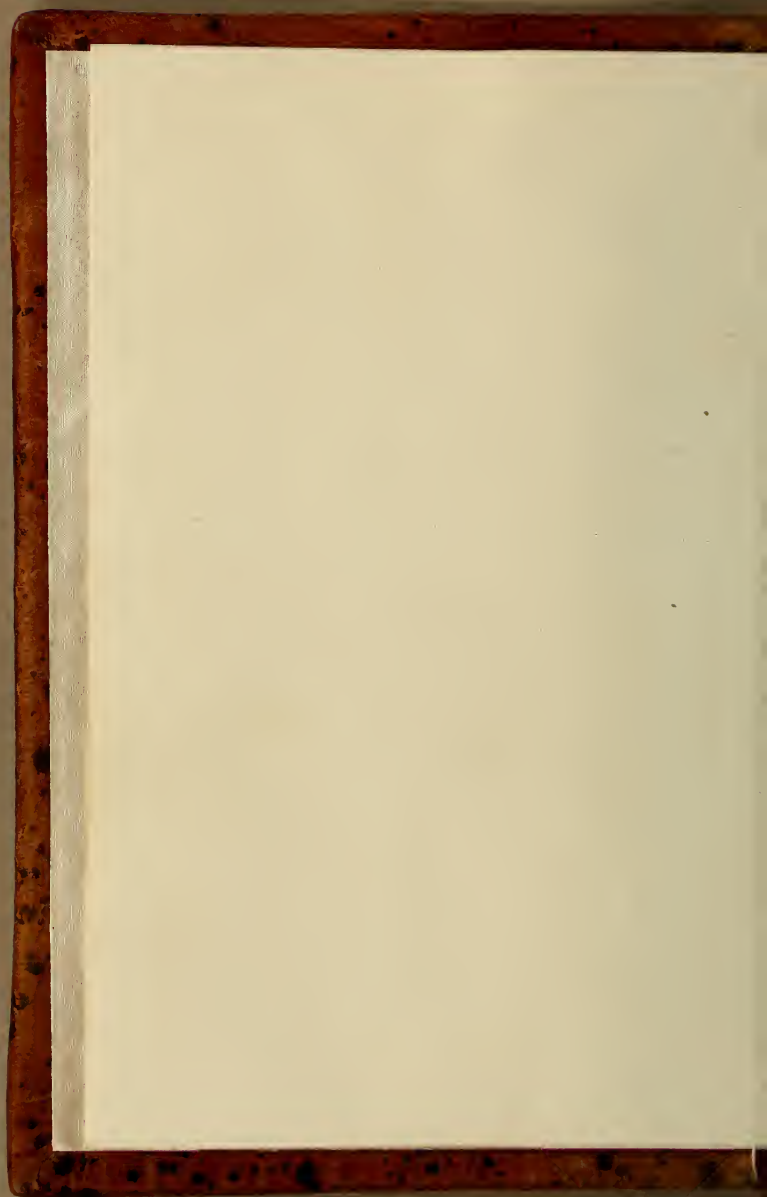






John Carter Brown  
Library  
Brown University





# O DESERTOR.

POEMA

HEROICO-COMICO

POR

MANOEL IGNACIO

DA SILVA ALVARENGA,

*Na Arcadia Ultramarina*

ALCINDO PALMIRENO.



COIMBRA:

NA REAL OFFICINA DA UNIVERSIDADE;

Anno de M.DCC.LXXIV.

*Com licença da Real Meza Censoria,*

O THEATRO

1814

DEPARTAMENTO

1814

DEPARTAMENTO

DEPARTAMENTO

DEPARTAMENTO

DEPARTAMENTO



RPJCB

COLECCION

COLECCION

COLECCION

COLECCION

COLECCION

# DISCURSO

SOBRE O

## POEMA HEROI-COMICO.

**A** Imitação da Natureza, em que consiste toda a força da Poesia, he o meio mais efficaz para mover, e deleitar os homens; porque estes tem hum innato amor á imitação, harmonia, e rythmo. Aristoteles, que bem tinha estudado a origem das paixoes, assim o affirma no cap. 4. da Poet. Este innato amor foi o que logo ao principio ensinou a imitar o Canto das Aves: elle depois foi o inventor da Flauta, e da Poesia como felizmente exprimio Lucrecio no liv. 1. p. 1378.

*At liquidas avium voces imitauer ore  
Ante fuit multò, quam levia carmina cantu  
Concelebrare homines possent, aureisque juvare.  
Et Zephyri cava per calamorum sibila primum  
Agrestes docuere cava inflare cicutas.*

O prazer, que nos causaõ todas as artes imitadoras, he a mais segura prova deste principio. Mas assim como o sabio Pintor para mover a compaixão não representa hum quadro alegre, e risonho; tambem o habil Poeta deve escolher para a sua imitação acçoens conducentes ao fim que se propoem. Por isso o Epico, que pretende inspirar a admiração, e o amor da virtude;

tude, imita huma acção na qual possaõ apparecer brilhantes o valor, a piedade, a constancia, a prudencia, o amor da Patria, a veneração dos Principes, o respeito das Leis, e os sentimentos da humanidade. O Tragico, que por meio do terror, e da compaixão deseja purgar o que ha de mais violento em as nossas paixões, e colhe acção, onde possa ver-se o horror do crime acompanhado da infamia, do temor, do remorso, da desesperação, e do castigo: em quanto o Comico acha nas acções vulgares hum dilatado campo a irrisão, com que reprehende os vicios.

Qual destas imitações consegue mais depressa o seu fim, he difficil o julgar; sendo taes diferentes os caracteres, como as inclinações, mas quasi sempre o coração humano regido pelas leis do seu amor proprio, he mais facil em ouvir a censura dos vicios, do que o louvor das virtudes alheas.

O Poema chamado Heroi-comico, porque abraça ao mesmo tempo huma e outra especie de poesia, he a imitação de huma acção comica heroicamente tractada. Este Poema pareceo monstruoso aos Criticos mais escrupulosos; porque se não póde (dizem elles) assignar o seu verdadeiro caracter. Isto he mais huma nota pueril, do que bem fundada critica, pois a mistura do heroico, e do comico na verdade envolve a contradição, que se acha na Tragi-comedia, onde o terror, e o riso mutuamente se destroem.

Na



Não obsta a authoridade de Platóo referida por muitos ; porque quando este Filosofo no Dialogo 3. da sua República parece dizer que são incompatíveis duas diversas imitações, a trágica e a cômica, expressamente dos Authores Tragicos, e Comicos, que já mais serão perfeitos em ambas.

Esta Poesia não foi desconhecida dos Antigos. Homero daria mais de hum modello digno da sua mão, se o tempo, que respeitou a *Patrachomyomachia*, deixasse chegar a nós o seu *Margites*, de que falla Aristoteles no cap. 4. da Poet. dizendo que este poema tinha com a Comedia a mesma relação que a *Iliada* com a Tragedia. O *Culex*, ou seja de Virgilio, ou de outro qualquer, não contribue pouco para confirmar a sua antiguidade.

Muitos são os poemas herói-comicos modernos. A *Secchia rapita* de Tassoni he para os Italianos o mesmo que o *Lutrin* de Boileau para os Francezes, e o *Hudibraz* de Butler, o *Rape of the lock* de Pope para os Inglezes.

Huns fugirão o poema heroi-comico a todos os preceitos da Epopea, e quizerão que não differisse pelo comico da acção, e misturaram o ridiculo, e o sublime de tal sorte, que servindo hum de realce a outro, fizeram apparecer novas bellezas em ambos os generos. Outros omitindo, ou talvez desprezando algumas regras, abrirão novos caminhos á sua engenhosa fantasia, e mostraram disfarçada com innocentes graciosidades á critica mais inveniante, como M. Gresset no seu *Ververt*.

Naõ

Naõ faltou quem tractasse comicamente hu  
ma açãõ heroica ; mas esta imitaçaõ naõ fo  
tam bem recebida, ainda que a Parodia da Enei  
da de Scarron possa servir de modello.

He desnecessario trazer á memoria a autho  
ridade , e o successo de taõ illustres Poetas para  
justificar o Poema Heroi-comico , quando naõ  
ha quem duvide , que elle , porque imita , mo  
ve , e deleita : e porque mostra ridiculo o vi  
cio , e amavel a Virtude , consegue o fim da  
verdadeira poesia.

*Omne tulit punctum, qui miscuit utile dulci.*  
Horat. Poet. §. 342.

---

*Discit enim citius, meminitque libentius illud,  
Quod quis deridet, quam quod probat, ac ve  
neratur.*

Horat. Epist. i. l. 2. §. 262.

---

O DE-

# O DESERTOR

## CANTO I.

**M**USAS cantai o Desertor das letras;  
 Que, depois dos estragos da Ignorancia,  
 Por longos, e durissimos trabalhos  
 Conduzio sempre firme os companheiros  
 Desde o loiro Mondego aos Patrios montes!  
 Envaõ se oppoem as luzes da Verdade  
 Ao fim, que já na idêa tem proposto:  
 E envaõ do Tio as iras o ameaçaõ.

E tu, que á fombra d'huma maõ benigna,  
 Genio da Lusitania, no teu feio  
 De novo alentas as amaveis Artes;  
 Se ao surgir do lethargo vergonhoso  
 Naõ receas pisar da Gloria a estrada,  
 Dirige o meu batel, que as vélas solta,  
 O porto deixa, e rompe os vastos mares  
 De perigosas Syrtes povoados.

Quais feriaõ as causas, quais os meios

Por-

---

*Que depois dos estragos da Ignorancia. Depois de abolidos os  
 velhos Estatutos pela creação da nova Universidade.*

8 O DESERTOR.

Porque Gonçalo renuncia os livros?  
Os conselhos, e industrias da Ignorancia  
O fizeraõ curvar ao peso enorme  
De taõ difficil, e arriçada empresa.  
E tanto pôde a rustica progenie!

A vós por quem a Patria altiva enlaça  
Entre as pennas vermelhas, e amarellas  
Honrosas palmas, e sagrados loiros,  
Firme columna, escudo impenetravel  
Aos assaltos do Abuso, e da Ignorancia,  
A vós pertence o proteger meus versos.  
Consenti que elles voem sem receio  
Vaidosos de levar o vosso nome  
Aos apartados climas, onde chegaõ  
Os échos immortais da Lusã gloria,

Já o invicto Marquez com regia pompa  
Da risonha Cidade avista os muros.  
Já tóca a larga ponte em aureo coche.

Alli

---

*E tanto pôde a rustica progenie!* Virg. En. l. i. ....  
Tante ne animis coelestibus iræ. M. Despreaux no Canto I. do  
Lutrin.

Tant de fiel entret-il dans l'ame des Devots!

*Já o invicto Marquez com regia pompa.* O Illustrissimo, e Excel-  
lentissimo Senhor Marquez de Pombal entrou em Coimbra como  
Plenipotenciario, e Lugar Tenente de Sua Magestade Fidelissima,  
para a creação da Universidade em 22. de Setembro de 1772.

Allí junta a brilhante Infantaria  
 Ao rouco som de musica guerreira  
 Troveja por espaços: a Justiça  
 Fecunda mãy da Paz, e da Abundancia  
 Vem a seu lado: as Filhas da Memoria  
 Digna immortal corôa lhe offerecem,  
 Premio de seus trabalhos: as Sciencias  
 Tornaõ com elle aos ares do Mondego,  
 E a Verdade entre jubilos o aclama  
 Restaurador do seu Imperio antigo.  
 Brilhantê luz, paterna liberdade,  
 Vós, que fostes n'hum dia sepultadas  
 Co' bravo Rey nos campos de Marrócos;  
 Quando traidoras, impias mãõs o armáraõ  
 Victima illustre da ambiçaõ alhêa,  
 Tornai, tornai a nós. Da regia stirpe  
 Renasce o vingador da antiga affronta.  
 Assim o novo Scipiaõ crescia  
 Para terror da barbara Carthágo.

Possaõ

---

*Co' bravo Rey nos campos de Marrócos.* O Senhor Rey D. Sebastiaõ ficou em Añica no anno de 1578, e se perdeu com elle a liberdade Portugueza, de donde nasceráõ as funestas consequencias, que até agora se fizeram sentir.

*Renasce o vingador da antiga affronta.* O Serenissimo Senhor D. Jozé Príncipe herdeiro.

*Assim o novo Scipiaõ crescia.* Publico Cornelio Scipiaõ vingou a morte de seu Pai, e Tio destruindo Carthago.

Possão meus olhos ver o Ismaelita  
 Nadar em sangue, e pálido de susto  
 Fugir da morte, e mendigar cadêas;  
 E amontoando Lúas sobre alfanges  
 Formar degrãos ao Throno Lusitano.  
 Dissiparaõ-se as trevas horrorosas,  
 Que os bellos horizontes assombravaõ,  
 E a suspirada luz nos apparece.  
 Tal depois que raivoso, e sibilante  
 Sobre o carro da Noite o Euro açoita  
 Os tardios cavallos do Boótes,  
 E insulta as terras, e revolve os mares,  
 Raia a manhã ferena entre doiradas,  
 E brancas nuvens: ri-se o Ceo, e a Terra:  
 O Vento dorme, e as Horas vigilantes  
 Abrem ao claro Sol a azul campanha.

A soberba Ignorancia em tanto observa,  
 E se confunde ao ver o proprio throno  
 Abalar-se, e cahir: o seu ruido  
 Redobra os échos nos oppostos valles,

E

---

*Possão meus olhos ver o Ismaelita.* Os Moiros são descendentes de Ismael filho de Agar.

*Sobre o carro da noite o Euro açoita.* Euro o vento vulgarmente chamado L'Este. Boótes constellação na cauda da Ursa, ou a Guarda.

*Os tardios cavallos do Boótes.* Juvenal Sat. 5. v. 23.  
 Frigida circumagunt pigri Sarraca Bootæ.

E o Mondego feliz ao mar undoso  
 Leva alegre a noticia, porque chegue  
 Das suas praias aos confins da Terra.  
 Ella abatida, e só não acha abrigo,  
 E desta forte em seu temor suspira.

Verei eu sepultar-se entre ruinas  
 O meu reino, o meu nome, e a minha gloria,  
 Depois de ser temida, e respeitada?  
 Pobre resto de miseros vassallos  
 Não ha mais que esperar. Já fui rainha:  
 Já fostes venturosos: não soframos  
 As injurias, que o vulgo nos prepara:  
 Injurias mais crueis do que a desgraça.  
 Deixemos para sempre estes terriveis  
 Climas de mágoa, susto, horror, e estrago.  
 Mostrai-me algum lugar desconhecido,  
 Onde occulta repouze, até que possa  
 Tomar de quem me offende alta vingança.  
 Mas onde se hum Prelado formidavel  
 Esse Argos, que me affusta, vigilante

Ao

---

*Mas onde se hum Prelado formidavel.* O Illustrissimo, e Excellentissimo Senhor Bispo de Coimbra Reitor, e Reformador da Universidade.

*Argos fingio a fabula ser Pastor de Thessalia, que tinha cem olhos, a quem Juno deo a guardar Jo filha de Inacho Rey dos Argivos.*

Ao lugar mais remoto estende a vista?  
 Monstros do cego abyfmo, em meu foccorro  
 Empenhai o poder do voffo braço;  
 Que fe entre os homens me faltar azylo  
 Ao triste vão dos asperos rochedos,  
 Onde o Tenaro efcurο, e cavernofο  
 Da morada fombria as portas abre,  
 Irei chorar meus dias fem ventura:  
 Irei . . . . Affim fallando mifturava  
 Gemidos, e foluços, que fuffocão  
 Dentro do peito a voz, e humedecia  
 Co' pranto amargo a face defcorada.  
 Mas logo, ferenando o rofto afflicto,  
 Corre por entre fufos, e esperanças  
 Ao caro abrigo do fiel Gonçalo.  
 A fonolenta, a pigra Ociofidade  
 Por esta vez deixou de acompanhá-la:  
 E a languida Perguiça forcejando  
 Pôde apenas fegui-la com os olhos.

Toma a fórma d'hum celebre Antiquario  
 Sebastianifta acerrimo, incançavel,  
 Libertino com capa de devoto.

Tem

---

*Onde o Tenaro efcurο, e cavernofο.* Promontorio de Iacônia, onde ha huma cova profundiffima, que os antigos chamá-  
 raõ a porta do Inferno. Virg. Georg. l. 4. v. 467.  
*Tanarivs etiam fauces alta offia Ditis,*



Tem maçilento o rosto, os olhos vivos,  
Pesado o ventre, o passo vagaroso.  
Nunca trajou á moda: huma casaca  
Dá côr da noite o veste, e traz pendentos  
Largos canhoens do tempo dos Affonsos.  
Dizem que o tempo da mais bella idade  
Consagrou ás questões do Peripáto.  
Já vio passar dez lustros, e experiente  
Sabe enredos urdir, e por-se em salvo.  
Entra por toda a parte, e em toda a parte  
He conhecido o nome de Tiburcio.

Gonçalo, que foi sempre dezejezo  
Da mais bella instrucção, lia, e relia  
Ora os longos acafos de Rozaura,  
Ora as tristes desgraças de Florinda,  
E sempre se detinha com mais gosto  
Na cova Tristiféa, e na passagem  
Da perigosa ponte de Mantible.  
Repetia de côr de Albano as queixas  
Chamando a Damiana injusta, ingrata;  
Quando Tiburcio apaixonado, e triste  
Ralhando entrou. Que esperas tu dos livros?

Crês

---

*Ora os longos acafos de Rozaura. Carlos, e Rozaura, com  
stante Florinda, e Carlos Magno são romances muito conhe-  
cidos.*

Crês que ainda appareçãõ grandes homens  
 Por estas invençoens , com que se apartaõ  
 Da profunda sciencia dos antigos ?  
 Morrêraõ as *postillas* , e os *Cadernos* :  
 Cahio de todo a *Ponte* , e se acabáraõ  
 As *distincçoens* , que tudo defendiaõ ,  
 E o *ergo* , que fará laudade a muitos !  
 N' outro tempo dos Sabios era a lingua  
*Fórma* , e mais *fórma* : tudo em fim se acaba ,  
 Ou se muda em pior. Que alegres dias  
 Naõ foraõ os de Maio , quando a estrada  
 Se enchia de Arrieiros , e Estudantes !  
 O' tempo alegre , e bemaventurado !  
 Que facil era entãõ o azul Capello  
 Adornado de franjas , e alamares ,  
 O rico anel , e a fluctuante borla ,  
 Honra , e fortuna , que chegava a todos !  
 Hoje he grande a carreira , e seraõ raros  
 Os que se atrevaõ a tocar a méta  
 A' Gonçalo ! Gonçalo ! que mais vale  
 Tirar co' a propria maõ no fertil Souto  
 Molles castanhas do espinhoso ouriço !  
 Quanto he doce ao voltar da Primavera  
 O faboroso mel no loiro favo !

O'

---

*Cahio de todo a ponte.* O methodo escolastico. Quem conhece a Logica peripatetica , naõ ignora qual seja esta ponte.

O' alegre , e famosa Mioselha  
Fertil em queijos , fertil em tramoços !  
Só lá de romaria em romaria  
Podes viver feliz , e descansado.  
Quem te obriga a levar sobre os teus hombros  
O desmedido peso , que te espera ?  
Naõ tenhas do bom Tio algum receio :  
Comigo irás : bem sabes quanto posso.  
Se te envergonhas de ser só , descança ;  
Fiel parente amigo inseparavel  
Eu farei que abraçando o mesmo exemplo  
Muitos se apressem a seguir teus passos.

Assim fallava : quando hum ar de riso  
Appareceo no rosto de Gonçalo.  
Tudo o que se deseja se acredita ;  
Nem ha quem o seu gosto desaprove.  
Elle porque já traz no pensamento  
Poupar-se dos estudos á fadiga  
Naõ vacilla na escolha , e se aproveita  
Da feliz occasião , que lhe assegura  
O meditado fim de seus desejos.

Convocaõ-se os herões , e deliberaõ  
Em pleno consistorio , onde Gonçalo  
Silencio pede , e assim a todos falla.

Herões, a quem hũa alma livre aníma,  
 Que desprezando as Artes, e as Sciencias,  
 Ides buscar da Patria no regaço  
 Longe da fugeição, e da fadiga  
 Doce descanso, amavel liberdade:  
 Se algum de vós (o que eu não creio) ainda  
 Tem na alma o vaõ desejo dos estudos,  
 Levante o dedo ao alto. Huns para os outros  
 Olháraõ de repente, e de repente  
 Rouco, e brando sussurro ao ar se espalha:  
 Qual nos bosques de Tempe, ou nas frondosas  
 Margens, que banha o placido Mondego,  
 Costuma ouvir-se o Zefiro suave,  
 Quando menêa os alamos sombrios.  
 Nenhum alçou a mão, e a Ignorancia  
 Pareceo consolar-se, imaginando  
 Sonhadas glórias de futuro imperio.

Dispoem-se a companhia, e se aparelha  
 Para partir antes que o Sol desfate  
 Sobre a Terra orvalhada as tranças d'oiro.  
 Tiburcio tudo apronta. Mas Janeiro  
 Loquaz, traidor, domestico inimigo  
 Voa de casa em casa publicando

---

*Qual nos bosques de Tempe.* Lugar de Thessalia celebre pe-  
 la amenidade dos seus bosques.

Da forté esquadra a proxima partida.

Guiomar, velha que ha muito que insensivel

A's delicias do amor, afferrolhando

Emmagrece nos miseros cuidados

Da faminta ambição, e he na Cidade

Huma ave de rapina, que entre as unhas

Leva tudo o que encontra aos ermos cumes

Da escaldada montanha, onde a festejaõ

Co' a boca aberta os ávidos filhinhos:

Triste agora, e infeliz ouve, e se affusta

Das noticias cruéis, que o Moço espalha.

O' Ama desgraçada! O' dia infaulto!

Agora que esperava mais focego

Principiaõ de novo os meus trabalhos!

Estas, e outras palavras arrancava

Do peito descontente, em quanto a Filha

Amorosa, e sagaz estuda os meios,

Com que possa deter o ingrato amante;

Faz ajuntar de partes mil á pressa

Cordoens, e aneis, e a pedra reluzente;

Que os olhos defasia; os seus cabellos,

Que desconhecem o roucado, empasta

Co' a cheirosa pomada: a Mãe se lembra

Da propria mocidade, e lhe vai pondo

Com a tremula maõ vermelhas fitas,

B

Simp

Simples noiva da aldêa , que ao mover-se  
Teme perder o defusado adorno,  
Nunca formou mais vagarosa os passos.  
Narciza chega entre raivosa , e triste ;  
E fingindo esquecer-se da mantilha  
Para mostrar-se irada , desta sorte  
Em alta voz lhe falla. Será certo  
Que pertendes fugir , e que me deixas  
Infeliz , enganada ; e descontente ?  
Assim faltas cruel , perfido , ingrato  
D' hum longo amor aos ternos juramentos ?  
Naõ diceste mil vezes . . . . mas que importa  
Que os meus males recorde ? em fim perjuro  
As tuas vans promessas me enganáraõ.  
Justiça pedirei ao Ceo , e ao Mundo :  
O mundo tem prisoes , o Ceo tem raios.

Fallavã , e o Herõe , que arrasta ainda  
D' hum incomodo amor os duros ferros  
Parece vacillar ; quando Tiburcio  
Dá conselhos a hum , a outro ameaça  
Pondo irados os olhos em Narciza.  
Diz-lhe que em vaõ suspira , que em vaõ chora  
E que sempre tiveraõ as mulheres  
Para enganar aos miseros amantes  
As lagrimas no rosto , o riso na alma.

Gonçalo entãõ , que o seu dever conhece ,  
 Dá provas de valor , e de prudencia.  
 Ouve Narciza bella ( lhe dizia )  
 Serena a tua dor , e os teus queixumes:  
 O teu pranto me move , injusto pranto ,  
 Que o meu constante amor de ingrato accusa.  
 Socega: a nova herança d'hum morgado  
 He quem me chama , a ausencia ferá breve,  
 Tempo depois virá que em doces laços  
 Eterno amor as nossas almas prenda ,  
 E entãõ farás tibornas , e magustos.  
 Nem sempre cobre o mar a longa praia :  
 Nem sempre o vento com furor raivoso  
 Do robusto pinheiro o tronco açoita.

Acaba de fallar , e lhe offerece  
 A leve bolsa , que Narciza acceita  
 Como penhor sincéro de amizade ,  
 Bolsa , que deve fer na dura ausencia  
 Breve consolação de tristes magoas

O experto Amigo , que se mostra em tudo  
 Companheiro fiel , com olhos tristes ,  
 Pondéra os longos , e asperos caminhos :

B 2

Lem-

---

*Tiborna.* Comida feita de pão e azeite novo.

*Magusto.* Castanhas assadas , e rinho.

Lembra funestas noites de estalagem ;  
E adverte em vão , que ao menos por cautella  
Deve fazer-lhe a bolsa companhia.  
Deixando em fim inuteis argumentos  
Remette a decisaõ ao proprio braço.  
Nãõ se esquecem das unhas , nem dos dentes ;  
Armas , que a todos deo a Natureza.  
Ouvem-se pela casa em som confuso  
As troncadas injurias , e os queixumes.  
Assim dois caens , se o hospede imprudente  
Lança da mesa os ossos esburgados ,  
Promptos avançãõ ; d'huma , e d'outra parte  
Se vê firme o valor : mordem-se , e rōnaõ ;  
Mas nãõ cessa a contenda. Amigo , e amante  
Que farias Gonçalo em tanto aperto ?  
Concorre a plebe , e o fervido tumulto  
Vai pelas negras furias conduzido  
Despertando nos peitos a desordem.  
Ninguem sabe porque , mas todos gritãõ ;  
Jã voã as cadeiras pelos ares :  
Pedras , e páos de longe se arremeçãõ.  
E se a candida Paz com rosto alegre  
Serenou as desgraças deste dia ,  
Os teus dentes , intrepido Gonçalo ,  
Vistẽ voar em negro sangue envoltos.



Torna alegre Narciza, e cinco vezes  
Abrio a bolsa, e numerou a prata:  
Fez diversas porçoens, que n'hum momento  
Tornou a confundir: não d'outra forte  
O menino impaciente, e cubiçoso,  
Quando alcança o que ha muito lhe negavaõ,  
Repara, volta, move, ajunta, espalha,  
E neste giro o seu prazer sustenta.

Em tanto a mãy, que já por experiencia  
Os enganos conhece mais occultos,  
Busca novos pretextos de vingança  
Fingindo torpes, e horrorosos crimes,  
E espera ouvir gemer em poucas horas  
O mancebo infeliz em prisaõ dura.  
Mas Rodrigo, que ouviu o rumor vago  
A' pressa chega, e desta forte falla.

Que desgraças te esperaõ! foge, foge  
Gonçalo em quanto há tempo: gente armada  
Vem logo contra ti. Guiomar convóca  
Todo o poder do mundo: hum só momento  
Não percas, caro amigo; os companheiros  
Com alvoroço esperaõ. A' deixemos,  
Deixemos d'huma vez estas paredes,  
Onde co' proprio sangue escrita deixas

De

De teu tragico amor a breve historia.  
 He já outro o Mondego : a liberdade  
 Destes campos fugio , e só ficáraõ  
 A dura fugeiçaõ , e o triste estudo.  
 Em fim heide apartar-me desta sorte ?  
 O' sempre tristes , sempre amargos sejaõ  
 Os teus ultimos dias , velha infame.  
 Gonçalo fim chorandõ , monta , e parte.

## CANTO II.

**C**Om largo passo longe do Mondego  
 Alegre a forte gente caminhava.  
 Gonçalo excede a todos na estatura ,  
 Na força , no valor , e na destreza.  
 Sobre hum magro jumento se escarrancha  
 Tiburcio , e já d'um ramo de falgueiro  
 Defata ao Norte fresco , que assobia ,  
 Por vistoso estandarte hum lenço pardo.  
 Cosme infeliz , e sempre namorado  
 Sem fer corresponsido , vai faudoso ,  
 Ama , e não sabe a quem : vive penando ,  
 E se consola só porque imagina  
 Que tem de conseguir melhor ventura.  
 Rodrigo , que de todos desconfia ,  
 He de indole grosseira , e genio bruto ,

Não conhece os perigos, nem os teme :  
Melancolico sempre, vai por gosto  
Viver na choça, aonde foi creado.  
Qual o Tatú, que o destro Americano  
Vivo prendeo, e em vaõ depois se cança  
Por faze-lo domestico, que sempre  
Temeroso nas conchas se recolhe  
E parece fugir á luz do dia.  
Tambem vinha Bertoldo, e traz comfigo  
Carunchosos papeis por onde affirma  
Vir do septimo Rey dos Longobardos.  
Grita contra as riquezas, a Fortuna  
Segundo o que elle diz não muda o sangue :  
Pisa com força o chaõ, e empavezado  
De acçoens, que elle não póde chamar suas  
Aos outros trata com feroz desprezo.  
Iracundo Gaspar, que te enfureces  
No jogo, e quando perdes não duvidas  
Meter a maõ á ferrugenta espada,  
Tu não ficaste: as noites sobre os livros  
Não queres suportar, porque não temes  
Da já viuva mãy as froxas iras.

Nem

---

*Qual o Tatú, que o destro Americano.* Lin. syst. nat. Zool. edic.  
10. tom. 1. pag. 50. *Dasytus.*

*Vir do septimo Rey dos Longobardos.* Povos de Escandinavia,  
e Pomerania, que se apoderarã da parte da Gallia Cisalpina  
em 568.

Nem tu Alberto alegre, e desejado  
 Nas vistosas funçoens das romarias,  
 Que es vivo prompto, e agil, e nos bailes  
 Tens fama de engraçado, e gargantêas  
 Co' a viola na mão trocando as pernas.  
 Os que aprendem o nome dos authores,  
 Os que lem só o prologo dos livros,  
 E aquelles, cujo sono não perturba  
 O concayo metal, que as horas conta,  
 Seguirão as bandeiras da ignorancia  
 Nos incriveis trabalhos desta empresa.

O Sol já fobre os campos de Amphitrite  
 Inclina o carro, e as nuvens carregadas  
 Importunos chuueiros ameaçaõ;  
 Quando a velha estalagem os recebe,

Mesa de tofco pinho se povôa  
 De negras azeitonas, e salgado  
 Queijo, que estima a gente que mais bebe.  
 D'hum lado, e d'outro lado se levantaõ  
 Picheis, e copos, em que o vinho abunda.  
 Corriaõ para aqui defafiados  
 Rodrigo o triste, e o glotaõ Tiburcio,  
 Este instante fatal he que decide.  
 Da dubia forte dos heroes cobrindo

Hum de eterna vergonha, outro de gloria.

A feia Noite, que aborrece as luzes,  
Desce dos altos montes com mais pressa  
Por ver este combate, e afugentada  
Pe'a sombria luz d'huma candêa  
De longe observa o novo desafio.

Hum, e outro occupandô as mãos, e a boca  
Avidamente a devorar começa.

Assim esse animal grosseiro, e pingue,  
Que de alpeâres bolôtas se sustenta,  
A' pressa come, e tendo huma nos dentes,  
N'outra tem o desejo, e n'outra a vista.

Rodrigo quasi certo da victoria

Co' as mãos ambas levanta hum grande côpo;

Côpo digno de Alcides, e á faude

De todos os famosos Desertores

De huma vez esgotou: entaõ Tiburcio

Cheio de nobre ardor, fechando os olhos

Toma hum largo pichel, e assim lhe falla:

Vasilha da minha alma, tu que guardas

A alegria dos homêns no teu seio,

E tu filho da cêpa generoso,

Se estimas, e recebes os meus votos,

Derrama sobre mim os teus encantos.

Já tinha dito muito : e em quanto bebe  
 Voa a cega Discórdia , que se nutre  
 De fangue , e de vingança , e sobre os cópos  
 Tres vezes facodio as negras azas.  
 Viaõ-se já nos lividos semblantes  
 A raiva fanguinosa , a má tristeza  
 A Noite , a quem o Acafo favorece ;  
 Estende a fusca mão , e a luz abafa.  
 Veloz passa o furor de peito em peito ,  
 Perturba os coraçõens , e inspira o odio.

Só tu Gonçalo descrever podéras  
 Os terriveis estragos desta noite ,  
 Tu , que posto debaixo d' huma banca  
 ( Por não manchar as mãos no fangue amigo )  
 Sentiste pela casa , e pelos ares  
 Rolar os pratos , e tinir os cópos.  
 Range os dentes Gaspar , e pelo escuro  
 Não acerta co' a espada , nem co' a porta :  
 Quando Ambrosio , que tinha envelhecido  
 Da Estalagem na miserã officina  
 Co' a candêa na mão assim fallava.  
 He crível , que entre vós já mais se encontre  
 Hum genio docil , ferio , e moderado ?  
 Isto deveis ás letras ? respondi-me ,  
 Ou insultai também os meus cabellos

Da triste , e longa idade embranquecidos.  
 Julgais acaso , que o saber se infunde  
 Deixando o voffo nome affignalado  
 Pelos muros , e portas da Estalagem ?  
 O' nefcia mocidade ! he necessario  
 Muito tempo soffrer , gastando a vista  
 Na continua lição , e sobre os livros  
 Passar do frio Inverno as longas noites.  
 E quando já tivelfeis conseguido  
 De taõ bella carreira os dignos premios ;  
 Muito pouco sabeis , se inda vos falta  
 Essa grande Arte de viver no mundo ,  
 Essa , que em todo o estado nós ensina  
 A ter moderação , honra , e prudencia.  
 Eu tambem já na flor da mocidade  
 Varrî co' a minha capa o pó da falla ;  
 Eu tambem fui do *ranchinho da carqueja* ,  
 Digno de fama , e digno de castigo.  
 Era entaõ como vós. Já mais os livros  
 Me deveraõ cuidado , e me alegrava  
 Das nocturnas empresas , dos disturbios ;  
 Os dias se passavaõ quasi inteiros  
 Nos jogos , nos passeios , nas intrigas ,  
 Que fomentaõ os odios , e as vinganças.

Por

---

*Eu tambem fui do rancho da carqueja. Esta Companhia de Es-  
 tudantes commetteu muitos crimes , e foi dispersa , e castigada.*

Por isso estou no feio da miseria :  
 Por isso arrasto huma infeliz velhice  
 Sem honra , sem proveito , sem abrigo.  
 Tempo feliz da alegre mocidade !  
 Hoje encurvado sobre a sepultura  
 Eu choro em vão de vos haver perdido !  
 Assim suspira , e geme , e continua.  
 Conservai sempre firme na memoria  
 D' hum velho desgraçado o triste exemplo ,  
 E aprendei a ser bons , que a vossa idade  
 As indignas acçoens não justifica.  
 Mas se vós desprezais os meus conselhos ,  
 Nunca gozeis o premio dos estudos :  
 Affliçoens , e trabalhos vos opprimão ,  
 Em quanto o mar das Indias vos espera .

Então Gaspar tomando o caso em brio  
 Acceso de ira com valor responde ,  
 Traça o capóte , e tira pela espada .  
 O velho grita , e foge : ás suas vozes  
 De rusticos hum povo se enfurece ,  
 E toma as armas , e bradando avança .  
 Qual nos immensos , e profundos mares  
 O voraz Tubaraõ entre o cardume  
 De argentadas Sardinhas : ellas fogem ;  
 Deixaõ o campo , e nada lhe resiste ;



Assim Gonçalo, a quem já todos temem,  
Faz espalhar a turba, que o rodêa,  
E só deixa a quem foge de encontrallo.

Gaspar, que o rosto nunca vio ao medo;  
A todos desafia, e não perdôa  
D' huma oliveira ao carcomido tronco,  
Que elle julga broquel impenetravel,  
Vendo estalar da sua espada a folha.

Da noite a densa nevoa favorece.  
Receosos de nova tempestade  
Salvaõ as vidas os Herões fugindo  
Por entre o máto espesso. Ouvem ao longe  
Da vingativa plebe a voz irada.  
A' clara luz das pinhas, rezinosas  
Apparecem as foices, e apparecem  
Chuços, cacheiras, trancas, e machados.  
Levanta-se o clamor; e a crua guerra,  
Que o sangue dos mortais derrama, e bebe,  
Gira por toda a parte, e move as armas.  
Em tanto a valerosa companhia  
Amparada da sombra feia, e triste  
Voa por longo espaço sobre as azas

Do

---

*A' clara luz das pinhas rezinosas. Costumão os rusticos aca-  
sender de noite as pinhas,*

Do pallido terror. Não d'outra sorte  
 Rasos chavécos de piratas Moiros,  
 Quando aos echos do bronze fulminante  
 Vem tremolar as vencedoras Quinas  
 Sobre a possante Náo, que opprime os mares  
 Fogem á vela, e remo, e não descansão  
 Sem ter beijado as Argelinas praias.  
 Ouvem-se então diversos sentimentos.  
 Chora Gaspar de se não ter vingado,  
 E ainda aqui colerico assevéra  
 Que a não faltar-lhe a espada não fugira.  
 Espada, que ao romper as linhas d' Elvas,  
 Se dos velhos Avós não mente a historia,  
 Abrio de meio a meio hum Castelhana.

Teme Bertoldo, que o encontre o Povo;  
 E no meio daquella escuridade  
 Chega-se aos mais com panico receio.  
 Cosme quasi infensível aos perigos,  
 E aos amargos momentos desta noite,  
 Approveita o silencio, o fitio, a hora  
 Para chorar faudades sem motivo.  
 Só Gonçalo pensava cuidadoso

Ena

---

*As linhas d' Elvas.* Gloriosa batalha, que ganhou D. Antonio Luiz de Menezes Excellentissimo Conde de Cantanhede, no anno de 1658. A este heroe tambem se deve o triunfo de Montes Claros.

Em salvar os afflictos companheiros  
 Assim o astuto assolador de Troia,  
 Quando os Gregos herões ouviu cerdosos  
 Grunhir nos bosques da encantada Circe,  
 Ou quando vio a detestavel mesa  
 Na vasta cova do Cyclope horrendo.  
 Onde estarás fiel, e caro amigo!  
 (Dizia o conductor da fluita gente)  
 Se tu me faltas como irei meter-me  
 Nas mãos d'hum Tio rustico, inflexivel?  
 Voltarei? mas o' Ceos! quem me affegura  
 Que essa velha cruel, nefanda harpía  
 Não tenha urdido algum funesto engano?  
 E se o Povo indignado, e offendido  
 Nos vem seguindo, e ao surgir da Aurora  
 Neste inculdo deserto . . . . Ceo piedoso  
 Longe, longe de nós taõ graves damnos.

Gonçalo assim falava, e vigilante  
 Tristes horas passou athe que o dia  
 Apareceo entre rosadas nuvens  
 Sobre as altas montanhas do horizonte.

C A N -

---

*Assim o astuto assolador de Troia.* Ulysses cujos companheiros foram transformados por Circe Homer. odiss. l. 10. v. 238.

*Ou quando vio a detestavel mesa.* Polyphemo devorou dois Gregos em presença de Ulysses Odiss. l. 9. v. 289.

A Fama sobre o carro transparente ,  
 Que arrastaõ ao travez do espaço immenso  
 O sonoro Aquilon , e o veloz Austro ,  
 Cantava o caro nome , a immortal gloria  
 Do Augusto Pai do Povo. Entre milhares  
 De açoens dignas d'hum Rey , Europa admira  
 O soberbo Edificio levantado ,  
 Que o fatdoso Mondego abraça , e adora :  
 Edificio , que o tempo devorante  
 Vê de longe , rodêa , teme , e foge :  
 Que sustenta em firmísimas columnas  
 Da sciencia immortal o Regio Throno.

Se longe da feróz barbaridade  
 Os olhos abre a forte Lusitaniá ,  
 Grande Rey esta açoã he toda vossa.

Em tanto a Fama heroica vaõ seguindo  
 As velozes , e incognitas noticias ,  
 Que trazem , e que levaõ os successos  
 De paiz , em paiz , de clima , em clima :  
 Ellas voaõ em turba , enchendo os ares

Dos

---

O sonoro Aquilon , e o veloz Austro. Aquilon vento septentrional , e Austro meridional.

Dos echos dissonantes , a que attendem  
 Credulas velhas , e homens ociosos.  
 Qual no fertil Certaõ da Ajuruõca  
 Vaga nuvem de verdes Papagaios ,  
 Que encobre a luz do Sol , e que em feos gritos  
 He semelhante a hum povo amotinado :  
 Assim vaõ as Noticias , e estas vozes  
 Pelo campo entre os rusticos semeaõ.

Gente inexperta , alegre , e sem cuidados ,  
 Fero esquadraõ , que os vossos campos tala ,  
 Vem destruindo as terras , e os lugares.  
 O povo indocil , cego , e receoso ,  
 Que as funestas palavras acredita ,  
 Toma os caminhos , e os oiteiros cobre.  
 Por onde irás , intrepido Gonçalo ,  
 Que escapes ao furor da plebe armada ?  
 Mas já os desgraçados companheiros  
 Desciaõ por incognitas varedas  
 Para o fundo d'hum valle cavernoso ,  
 Que o Zêzere veloz lavando insulta  
 Co'as turvas agoas do gelado Inverno.

C

Há

*Qual no fertil Certaõ da Ajuruõca: Ajuruõca na lingua dos  
 indios sã o mesmo que carta de Papagaios. Este vasto paiz  
 das Minas do Rio das mortes he abundantissimo destas aves.*

*Que o Zêzere veloz lavando insulta. Este pequeno, e arre-  
 gado rio perde o nome no Tejo , e faz a maior parte do  
 curso por penhascos inacessiveis.*

Ha hum lugar nunca dos homens visto ;  
 Na raiz de dois montes sobranceiros.  
 Suaõ as frias , e musgosas pedras ,  
 Que dos altos cabeços penduradas  
 Ameaçã ruina há tempo immenso.  
 Já mais do Caõ feroz o ardor maligno  
 Desfez a neve eterna destas grutas.  
 Arvores , que se firmaõ sobre a rocha ;  
 Famintas de sustento á terra enviaõ  
 As tortas , e longuissimas raizes.  
 Pendentes caracões co' a fragil concha  
 Adornaõ as abobadas sombrias.  
 Neste lugar se esconde temerosa .  
 A Noite envolta em longo , e negro manto  
 Ao ver do Sol os lucidos cavallos :  
 Funebre , eterno abrigo aos tristes mochos ,  
 A's velhas , ás fatidicas corujas ,  
 Que com medonha voz gemendo augmentaõ  
 O rouco som do rio alcantiládo.

Rufino por seu mal sempre extremo ;  
 E sempre escarnecido , suspirando  
 Aqui se entrega ao pallido ciume ,  
 D' hum puro amor ingrata recompensa.

Con-

---

*Já mais do Caõ feroz o ardor maligno.* A Constellação chama-se a Canicula.

Contaõ, que nestas horridas cavernas  
De miserias angustias rodeado,  
Vinha exhalar os ultimos suspiros  
Queixando-se de Amor, e da Fortuna.  
Entre os braços do sono repoufava  
Este infeliz já de chorar cansado;  
Quando a inquieta Ignorancia, que se afflige,  
De ver nestas montanhas escabrosas  
Os timidos amigos, em que funda  
De novo imperio a unica esperanza:  
Porque Rufino os acompanhe, e guie  
A' pingue, e suspirada Mioselha,  
Que he de tantos heróes Patria famosa,  
Finge o rosto da bella Dorothea,  
Dorothea a mais nova, a mais humana  
De quantas filhas teve o velho Amaro.  
Ella a roca na cinta, as mãos no fuso  
Em sonhos lhe aparece, e mais coráda,  
Que a rosa na manhã da Primavera,  
A falar principia. Se até agora  
Ingrata me mostrei a teos amores,  
Se inconstante, e perjura, me chamaste,  
Da-me nomes mais doces, e ouve attento  
D' huma alma amante a confissão sincera.  
Sempre te amei, e espero ver unidos  
Os nossos corações em fortes laços

Do casto amor , que o Ceo não desaprova.  
 Mas eu sem nada mais , que a lá , que fio,  
 Tu rico só de affectos , e palavras,  
 Onde iremos , que a fordida miseria  
 Não seja em nossos males companheira ?  
 Vai-te , e longe de mim segue a ventura ,  
 Que firme te hei de fer em toda a idade.  
 Do velho Affonso o triste , e pobre filho ,  
 Pela dura madrastra affugentado ,  
 Tambem deixou a suspirada Patria ,  
 E veio em poucos annos o mais rico  
 Dos bens immensos , que o Brasil encerra.  
 Ves tu quanto cresceo , que não cabendo  
 No paterno cazal , ergue as paredes  
 Athé chegar ao Ceo , que testemunha  
 A ditosa uniaõ comque elle paga  
 O firme amor da venturoza Ulina ?  
 Vai pois Rufino meu , que muitas vezes  
 Muda-se a terra , e muda-se a Fortuna.

Assim fallando os braços lhe offerece.  
 O' que instante feliz , se Amor perverso ;  
 Dos ultimos favores sempre avaro,  
 Não firmasse esta sombra de ventura  
 Sobre as azas de hum sonho lizonjeiro !  
 Desperta o triste , e desgostoso amante ,



E não duvida que a presaga imagem  
N'outro lugar thesoiros lhe promette.  
Futuros bens na idéa se apresentaõ,  
E elle crê possuillos. O' dos homens  
Continuo delirar sem fundamento!  
Que bella, e facil se nos pinta a posse  
D' hum incognito bem, que desejamos!

Já se ajuntava o esquadrão famoso  
Pela mesma Ignorancia conduzido,  
E Gonçalo primeiro assim fallando,  
Os mais em roda todos escutavaõ.

Benigno habitador de incultas brenhas,  
Se hum desgraçado errante, e peregrino  
Dentro em tua alma a compaixão desperta,  
Os meus passos dirige, antes que a fome  
Com impia mão nos deixe frio passo  
A's bravas feras, ás famintas aves.

Fallava ainda: alguns estremecêraõ,  
Outros amargo pranto derramaraõ.  
Da boca de Rufino todos pendem.  
Elle os languidos olhos levantando  
Já do longo chorar enfraquecidos,  
Estas vozes soltou do rouco peito.

Que

Que Fortuna cruel, maligna, incerta  
 Vos trouxe a penetrar o intacto abrigo  
 Destes lugares ermos, e escabrosos?  
 Vós em mim achareis amigo, e guia:  
 Que póde dar alguma vez focorro  
 Hum desgraçado a outro desgraçado.  
 Duros casos de amor me conduzirão  
 A acabar nesta gruta os tristes dias;  
 Mas hoje volto por feliz prefagio  
 A tentar n'outra parte a desventura.

Acaba de fallar movendo os passos  
 Pelo torcido vaõ das nuas pedras.  
 Todos o seguem com trabalho immenso.

Depois que largo tempo caminharão  
 Por asperas montanhas, apparecem  
 Ao longe a estrada, e o lugar vizinho.  
 Qual a não soffredora das tormentas,  
 Que, depois de tocar o porto amigo,  
 Sente fugir-lhe as arenosas praias,  
 E dos horridos ventos açoitada  
 Volta a lutar c'o pelago profundo:  
 Assim Gonçalo, quando ver espera  
 Tranquillo fim de miseros trabalhos,  
 O povo o cerca, e dos confusos gritos

As montanhas ao longe retumbáraõ.  
Vós, ó Musas, dizei como a Discórdia  
Com o negro tição, que accende os peitos,  
Mostra o rosto de fangue, e pó coberto,  
Seguindo os passos do homicida Marte.  
Aqui não apparecem refulgentes  
Escudos d' aço, e bronze triplicado:  
Não affombraõ a testa dos guerreiros  
Fluctuantes penachos, que ameaçaõ,  
Como tu viste, ó Troia, ante os teos muros;  
Mas o valor intrepido apparece  
A peito descoberto. O povo armado  
De choupas, longos páos, e curvas foices,  
He semelhante a hum bosque de pinheiros,  
Que o fogo devorou, deixando nuas  
As elevadas pontas. Animoso  
Dispoem Gonçalo a forma de batalha  
Posto na frente: á sua voz a hum tempo  
Todos avançaõ, todos se aproveitaõ  
Das perigofas, e terriveis armas,  
Que o terreno offerece em larga copia.  
Voa a cega Desordem, e apparece  
No meio do combate. Por hum lado  
Gaspar se oppoem arremeçando pedras  
Com força tal, que atroaõ os ouvidos.  
Gonçalo d'outra parte invicto, e forte

Abre

Abre co' ferro agudo amplo caminho.  
 Já pendia a balança da victoria  
 Contra a timida gente, que se espalha;  
 Quando chega atrevido Braz o forte.  
 ( Gigante Ferabras lhe chama o povo  
 Pela enorme estatura, e força incrível )  
 Ergue a pesada maça sem trabalho,  
 Qual nos montes de Lerne o fero Alcides :  
 Gonçalo evita a morte com destreza :  
 Elle renova os formidaveis golpes ;  
 Mas o irado mancebo ao desviar-se  
 Tropeça , e cahe. Neste arriscado instante  
 Serias morto, intrepido Gonçalo ,  
 Se Gaspár c' hum rochedo aspero , e rombo  
 Não atalhasse do inimigo a furia,  
 Quebrando-lhe com golpe repentino  
 Ambas as canas do direito braço.  
 Rangem os ossos , e a terrivel maça  
 Cahindo sobre a terra ao longe soa.  
 Torna a juntar-se a fugitiva plebe,  
 E o prudente Gonçalo , que deseja  
 Mostrar o seu valor n' outros perigos ;  
 Finge-se morto : a turba irada o pisa,  
 Mas elle não se move. - Contra todos

Então

---

*Qual nos montes de Lerne o fero Alcides.* Lerne lago de  
 Achaia, onde Hercules matou a Hydra.

Entaõ Gaspar em colera se accende :  
 Ameaça , derriba , atáca , e fere ;  
 Athé que já sem forças , rodeado  
 Vê de feos companheiros os opprobrios.

Sôa nas costas dos heróes valentes  
 O duro azambujairo , e saõ levados  
 Ao som terrivel de insultantes gritos  
 Para a escura prisão , que os esperava.  
 Gonçalo , o bom Gonçalo as mãos atadas ,  
 Os olhos para o chaõ , porque era terno  
 Não refreou o compassivo pranto.  
 Apar delle Bertoldo em vaõ lamenta  
 A falta de respeito , que devia  
 Rustica plebe ao neto de Alarico.  
 Com vagaroso passo todos marchaõ ,  
 Como as ovelhas por caminho estreito.  
 Tal depois da ruina de hum Quilombo  
 Vem a indomita plebe da Ethiopia ,  
 Quando rico dos loiros da victoria  
 O velho Chagas sempre valeroso

Cobre

*Rustica plebe ao neto de Alarico.* Alarico Rey dos Godos, que alcançou muitas victorias contra os Romanos no tempo de Honorio.

*Tal depois da ruina de hum Quilombo.* Fortificação de escravos rebellados , que muitas vezes se fazem temidos pelas suas hostilidades.

*O velho Chagas.* Este famoso Indio foi dos que mais se afiguraram nas occasiões de ataques contra os escravos.

Cobre o fuzil da pelle da Guariba ,  
 E forra o largo peito c'os despojos  
 Da malhada Panthéra , e do escamoso  
 Jacaré nadador , que infesta as aguas.

## CANTO IV.

**T**iburcio , que nas guerras da estalagem  
 Soube abrandar os inimigos peitos ,  
 Pondo-se como em extasi profundo  
 Com os olhos no Ceo , e as mãos no peito ;  
 Vem a empenhar a força das intrigas.  
 Que não farás intrepida Ignorancia  
 Por libertar os tristes prisioneiros !

Tem o cuidado das ferradas portas  
 Amaro vigilante , inexoravel ;  
 Mas credulo , e medroso ; e tem ouvido  
 Não sem horror pela calada noite  
 Grafnar nos ares , e mugir nos campos

Feias

---

*Cobre o fuzil da pelle da Guariba.* Guariba especie de monô ,  
 cuja pelle seive aos viajantes dos Certões para livrar o fuzil da  
 humidade , e costumão estes homens forrar-se com a pelle dos  
 animais , que mataõ. Pôde ver-se M. Buff. no tom. 4. edic.  
 de 4. vol. pag. 378. Lin. syst. nat. anim. ed. 10. tom. 1. pag.  
 26. *Paniscus*. Marcgr. 226.

*Panthera* Lin. syst. nat. anim. ed. 10. pag. 41. *Pardus*.

*Jacare* Crocodilo *Brasiliense*. Marcgr. 242 Lin. syst. nat. pag.  
 200. *Crocodilus*.

Feias bruxas , e vagos lubifomes.  
Com elle o Antiquario se accredita  
Por hum devoto , e fanto Anachoreta ;  
Que passa os breves dias deste mundo  
Entre os rigores d' huma austera vida.  
Amaro , que se fia de apparencias ,  
Para nutrir o fragil penitente  
Vai degolando os patos , e as gallinhas.  
Em tanto ( quem dicera ! ) a propria filha  
Innocente era o movel deste enredo ,  
Seu nome he Dorothea , e no semblante  
Genio se lhe descobre inquieto , e leve.  
Como estes momentos preciosos  
Nãõ se devem perder , depois que a fome  
Affugentou do estomago vasio ,  
Com branda voz em tom de profecia  
Humildade affectando assim começa.

ois tanta caridade ufais comigo  
O Senhor , que reparte os seus thesoiros ;  
Vos encherà de mil prosperidades.  
Vossa filha .... mas convem que eu cale  
Os segredos ; que o Ceo me communica ,  
Para da vereis nascer entre riquezas  
Os venturosos netos , doce arrimo  
Nos fracos dias da cada idade.

O velho entã co' as lagrimas nos olhos  
 Assim falou : O' filho abençoado,  
 Que pela debil voz já me parecez  
 Habitador do Ceo , quanto confolas  
 As peccadoras cãs , que te estaõ vendo !  
 Assim talvez feria o meu Leandro ,  
 Se as bexigas em flor o naõ roubassem !  
 Dez annos tinha , quando a morte avara  
 Cortou co' a dura maõ seus tenros dias.  
 Entã suspira , e segue passo a passo  
 A longa enfermidade ; e em quanto narra  
 Apparece Marcella , conhecida  
 Entre todas as velhas por mais sabia  
 Em penetrar olhando para os dedos  
 Tudo quanto já d'antes lhe contaraõ.  
 Sobre pequeno páo , a que se encosta,  
 Ella vem debruçada pouco a pouco ,  
 O semblante enrugado , os olhos fundos ,  
 Contra o nariz opposta a barba aguda :  
 Os dous ultimos dentes balanceaõ  
 C'o pestifero alento , que respira.  
 Em segredo lhe mostra Dorothea  
 A esquerda maõ porque ella decifrasse  
 As confusas palavras de Tiburcio.

Em penetrar olhando para os dedos. Esta superstiçaõ te-  
 tido grande uso , vulgarmente dizer a buena dicha.



Ella observa, e depois de mil tregeitos  
Franzindo a testa, arcando as sobranceiras,  
Com voz tremula, e fraca assim dizia.

O' que grande ventura o Ceo te guarda!  
Por esposo terás hum cavalheiro  
Que te ama, e te deseja. Mas ai triste!  
Em vão chora infeliz o terno amante  
Nessa escura prisaõ desconhecido  
Por casos de fortuna. Criaí filhos,  
O' desgraçadas mãys, para que hum dia  
Longe de vós padeçaõ mil trabalhos!  
Aqui suspira a boa velha, e chora.  
Duas vezes começa, e depois falla.  
O seu nome he Gonçalo: he rico, e nobre,  
E mancebo gentil, robusto, e loiro.  
Estas, e outras palavras lhe dizia,  
E Dorothea já se sente amante,  
Excogitando os mais seguros meios  
De abrir a porta, e darlhe a liberdade.  
Na molesta prisaõ o novo engano,  
De imperceptivel arte pronto effeito,  
Sabe o Heróe, e assim consigo falla.  
O' amigo taõ raro como a Fenix,  
Que podendo deixar-me entre estes ferros,  
Vens encher-me de aliyios, e esperanças!

Va-

Valentes expressões em crespa frase,  
 Que ao Alivio de Tristes rouba a gloria,  
 Pensando, felizmente resuscita  
 Aquellas hyperbolicas finezas,  
 Que em feos escritos prodigou Gerardo,  
 N' hum pequeno papel como convinha  
 A triste, e desgraçado prisioneiro,  
 Vio Dorothea as letras amorosas,  
 Que os ditos confirmaraõ de Marcella,  
 E dois grandes prefuntos, que jaziaõ  
 Intactos na despenha do bom velho,  
 Vaõ levar a resposta acompanhados  
 Do roxo nectar, que dissipa os males.  
 Mensageira fiel entaõ affirma,  
 Que virá Dorothea abrir-lhe as portas  
 Nas horas, em que o placido socego  
 Dos cançados mortaes os olhos cerra.  
 Gonçalo espera timido, e confuso  
 Vem-lhe á memoria o seu antigo affecto;  
 Qual leve sombra: escuta, arde, e deseja  
 Sentir no coração novas cadeias.

Já com a fria mão a noite escura

Entre

---

*Que ao Alivio de Tristes rouba a gloria.* Romance vulgar.  
*Que em seus escritos prodigou Gerardo.* Gerardo de Escobar  
 fez huma obra, que intitulou *Cristaes á alma*, cheia de riqui-  
 culos hyperboles.

Entre o miudo orvalho derramava  
 Papoilas foporíferas, que inspiraõ  
 O brando sono, e o doce esquecimento.  
 Reina o vago silencio, que acompanha  
 De amor furtivo os tragicos transportes.  
 Gonçalo entaõ, cançada a fantasia  
 Sobre os meios, e os fins de seus projectos,  
 Pouco a pouco se esquece, e pouco a pouco  
 Cerra os olhos, boceja, dorme, e sonha.  
 Quando voa do leito, onde deixava  
 Nos braços do Descanço ao Pai da Patria  
 A brilhante Verdade, e lhe apparece  
 N' huma nuvem azul bordada d' oiro.  
 A Deoza occupa o meio, hum lado, e outro  
 A severa Justiça, a Paz ditosa.

Benignos Ceos enchei meus puros votos:  
 Fazei que esta celeste companhia,  
 Como do terno Avô rodea o throno,  
 De seu Neto immortal orné a Coroa.

Gonçalo vio, e pondo as maõs nos olhos  
 Recea, e teme de encarar as luzes.

Abre

---

*Como do terno Avô rodea o throno.* O Augusto e Fidelissi-  
 mo Rey de Portugal.  
*De seu Neto immortal orné a Coroa.* O Serenissimo Princeps  
 de Herdeiro.

Abre os olhos, mortal, (assim lhe falla  
 Do claro Ceo a preciosa filha)  
 Abre os olhos, verás como se eleva  
 Do meu nascente Imperio, a nova gloria.  
 Effes muros, que a perfida Ignorancia  
 Infamou temeraria com seus erros,  
 Cobertos haõ de ser em poucos dias  
 Com eternos signaes de meos triunfos.  
 Eu sou quem de intrincados labyrinthos  
 Pôs em salvo a Razaõ illesa, e pura.  
 Eu abri aos mortaes os meus thesoiros:  
 Fiz chegar aos seus olhos quanto esconde  
 No seio impenso a fertil Natureza.  
 Póde huma destra maõ, por mim guiada  
 Descrever o caminõ dos Planetas:  
 O mar descobre as causas do seu fluxo:  
 A Terra .... mas que digo? Que sciencia  
 Naõ fiz tornar ás margens do Mondego,  
 Ou d' entre os braços da Latina Gente,  
 Ou dos bellos paizes, cujas praias

---

*Do meu nascente Imperio a nova gloria.* A Universidade de Coimbra novamente creada

*Eu sou quem de intrincados labyrinthos.* A Filozofia Racional sem os enredos dos syllogismos Peripateticos.

*Eu abri aos mortaes os meus thesoiros.* A Physica.

*Fiz chegar aos seus olhos quanto esconde.* A Historia Natural  
*Ou d' entre os braços da Latina Gente.* Os opprimidos, e famoços Professores, que ElRey Fidelissimo atrahio de diversas partes da Europa.

O mar azul por toda a parte lava?  
 Se são firmes por mim o Estado, a Igreja,  
 Se he no feio da paz feliz o Povo,  
 Dizei-o vós, O' Ninfas do Parnaso.  
 Illustres, immortaes, vós que dictastes  
 As poderosas leis a vez primeira,  
 Vós, que ouvistes da lyra de Mercurio  
 Os uteis meios de alongar a vida.  
 Eu vejo renascer hum Povo illustre  
 Nas armas, e nas letras respeitado.  
 O seu nome vai já de boca em boca  
 A tocar os limites do Universo.  
 O pacifico Rey lhe traz os dias  
 Dignos de Manoel, dignos de Augusto.  
 E tu em quanto a Patria se levanta  
 Sacodindo os vestidos empoados  
 Co' a cinza vil de hum ocio entorpecido:  
 Em quanto corre a mocidade alegre  
 A colher loiros ávida de gloria,  
 Serás o froxo, o estúpido, o insensivel?  
 Sacrificas o nome, a honra, a Patria  
 Aos molles dias de huma vida escura?  
 Cego errado mortal, vê que te enganas.

D

Dice: ..

---

*Dignos de Manoel dignos de Augusto.* O Senher Rey D. Ma<sup>o</sup>  
 oel, chamado o Feliz.

Dice: e cerrada a nuvem luminosa,  
 Estremece Gonçalo: foge o sono:  
 Por toda a parte lança incerto a vista,  
 Busca affustado, mas já nada encontra.  
 As mesmas impressões em seus sentidos  
 Vivas imagens pintaõ, e não sabe  
 Se entãõ dormia, ou se inda agora sonha.  
 Sente a suave força da Verdade;  
 Mas recusa abraça-la. Triste sorte  
 D'alma infeliz, que ao erro se acostuma!

Em tanto sem receio o Velho dorme,  
 E a filha vem as sombras apalpando  
 Com as chaves na mão: e quantas vezes  
 Segue, vacilla, e pára, e lhe parece  
 Ouvir a voz do Pai: escuta, e treme;  
 Move os passos, tropeça, e ao ruido  
 Acorda Amaro, e grita. Ella se apressa,  
 E torna a tropeçar. Aqui Tiburcio  
 Em casos repentinos prompto, e destro  
 Em hum lançol se embrulha, e corre ao leito  
 Onde jazia o Velho espavorido,  
 Que cuida que vê bruxas, e fantasmas:  
 Entãõ lhe diz em tom medonho. O' filho,  
 Ingrato filho, que de hum Pai te esqueces!  
 Que mal, que mal cumpriste os meus legados

Hoje comigo irás . . . . Ao Velho o medo  
Corre as medullas dos caçados ossos :  
A voz lhe falta , eriça-se o cabello.  
Em tanto as portas Dorothea abrindo  
( Amor a fez intrepida ) abraçava  
O promettido esposo : elle se apressa ,  
Acorda os miserandos companheiros ,  
Que se alegrão deixando solitarias  
As vagas sombras da prisaõ funesta.  
Passa o resto da noite entre temores  
Amaro , quanto póde o prejuizo !

Apenas matizava a branca Aurora  
Da Tyria cõr o veo açafreado ,  
Quando o Velho ao travez da luz escassa  
Vio abertas as portas. Dorothea ,  
Dorothea onde estás ? Assim clamava ,  
E entregue á sua dor consulta os olhos  
Do profeta , que prompto a por-se em marcha  
Com rosto de candura , e de innocencia  
Brandamente o consola. O Ceo , Amigo ,  
Tudo faz por melhor , e muitas vezes  
Com trabalhos crueis aos bons afflige,  
Dice , e deixando ao Pai desconfolado ,  
Caminha na esperança de encontrar-se  
C'õ valente esquadraõ dos fugitivos ,

O Sol já com feos raios luminosos  
 Tinha roubado ás folhas dos arbustos  
 O frio gélo do nocturno orvalho.  
 Eis a sombra de funebre arvoredos  
 Rufino o melancolico chorando.  
 Quem es, que em tua magoa inconsolavel  
 Pareces abalar estas montanhas?  
 Compassivo pergunta o Antiquario,  
 E depois de chorar por largo tempo,  
 Estas vozes o triste lhe tornava.  
 Eu sou aquelle amante sem ventura,  
 Sempre estremofo, e sempre escarnecido;  
 Soffredor das ingratas esquivanças,  
 Que vi ( ai dura vista!) face a face  
 Do tardo Desengano o feio rosto.  
 A' Dorothea, hum sonho lisonjeiro  
 Meos dias dilatou para que agora  
 Te visse em outros braços, insultando  
 O meu fiel amor? O' noite infausa,  
 Noite terrivel, noite acerba, e dura!  
 Quanto eu fora feliz, se a tua sombra  
 Eternamente os olhos me cubrisse!

Tiburcio, que já tudo penetrava,  
 Do caminho se informa, e dos lugares,  
 Por onde fora a incerta companhia,

Que



que em tanto risco o seu conselho espera.

Não distante se eleva antigo bosque  
Terroroso por fama: já nos tempos,  
Em que torrente Barbara sahindo  
Do seio da Meotis inundava  
As provincias d' Europa, aqui se via  
Arruinado Templo. Os vivoiros  
Cyprestes se levantão sobre os pinhos;  
Feras, e madrefilvas enlaçadas  
Alli fazem curvar a crespa rama  
Dos velhos, e infructiferos carrascos.  
Tres fontes misturando as puras agoas  
Manfamente se-entvolvem, e offerecem  
A' vista cubiçosa os alvos feixos,  
E os verdes limos, que no fundo nascem.  
Os amigos fieis aqui se-encontraõ.  
Qual em noite funesta, e pavorosa  
Perdido caminhante, que recêa  
Achar em cada passo hum precipicio,  
E acafo a dubia luz divisa ao longe;  
A esperança renasce, e de alegria  
Vente pular o coração no peito;  
Assim o Defertor constante, e forte

Ao

---

*Em que torrente Barbara sahindo.* A irrupção dos Barba;  
os foi no seculo V.

Ao ver o companheiro, que prudente  
 Sabe evitar, e prevenir os males.  
 Elles se-reconhecem, e derramaõ  
 De alegria, e ternura o doce pranto.  
 O' vinculos do sangue, e da amizade!  
 Menos unidos vio o Lacio antigo  
 Aos dois Troianos, que huma cega noite,  
 Espalhando o terror no campo adverso,  
 Levou ás turvas margens de Acheronte.  
 Gonçalo se-retira pelo bosque;  
 Com elle vai Tiburcio, e mil projectos  
 Formavaõ sobre o fim da grande empreza;  
 E a muito facil, e infeliz donzella  
 Do seo profeta o resto, e a voz conhece,  
 E pensa, e teme de se-achar culpada.

Entaõ o Amor, que na sonora aljava  
 Esconde settas de mortal veneno,  
 E settas d'outro ardor mais grato, e puro,  
 Fazia escolha das terriveis armas,  
 Para vingar-se da cruel Marfiza:  
 Marfiza ingrata, perfida, inconstante,  
 Peito de bronze, a quem a natureza  
 Naõ formou para ternos sentimentos.

E

---

*Aos dois Troianos que huma cega noite. Niso, e Eurialo  
 Virg.*

E por ver se os seus tiros correspondem  
Sempre fieis á mão, e ao desejo,  
Faz no teu peito, ó Dorothea, o alvo,  
As forças prova, e a destreza ensaia.  
Encurva o arco eburneo, solta, e vóa  
Sequiosa de sangue a ponta aguda  
Tincta no Averno. Ao golpe inevitavel  
Tremeo o coração, e hum vivo lume  
Nos olhos apparece: do feu braço  
Admira a força Amor. Vai outra setta  
Ao brando peito incauto, e descoberto  
Do mancebo infeliz. A vez primeira  
Soube de amor o namorado Cosme.  
Que violenta paixã pôde encubrir-se!  
Os olhos fallaõ: seguem as palavras;  
E depois o delirio. O tempo he furdo  
Aos votos dos amantes. Ellès viaõ  
Crescer ditoso em rapidos momentos  
De huma nova esperança o bello fruto;  
Mas Gonçalo a favor dos arvoredos  
Occulto chega, pára, e ceva as iras.  
Tal pôde ver-se o rapido Jaguára  
Do fertil Ingahy nos vastos campos,  
Se tem de frente o cervo temeroso;

Enco-

---

Jagüdra. Marcgrav. Hist. Brasil. pag. 235.

Ingahy. Rio d'America nas Minas do Rio das mortes.

Encolhe-se torcendo a hirsuta cauda,  
Tenta, vigia, espera, e lambe os beiços  
Formando o salto sobre a incaûta presa.  
Cégos amantes, aprendei agora  
Os perigos da nimia confiança.  
O zeloso Gonçalo enveste: acodem  
Os companheiros d'huma, e d'outra parte.  
Triste ruido! pedras contra pedras  
Alli se despedaçã: ao feu lado  
Acha Cosme a Rodrigo, acha a Bertoldo:  
Em quanto dura o fervido combate,  
Dorothea, que vê sem uso a espada,  
De que o Heróe em furia se não lembra,  
(Que não farás Amor, tu que transformas  
Huma donzella n' hum feroz guerreiro!)  
Defembainha: a Morte infaciavel  
Lhe afia o gume, e o furor sanguineo  
Ergue, e dirige o ferro: já pendente  
Sobre Gonçalo o golpe, falta, e chega  
O amigo a tempo de salvar-lhe a vida.  
Pelos braços a aperta, e nelles grava  
Roxos signaes dos dedos. Em derrota  
Correm os tres, e o campo desamparaõ.  
O misero, infeliz, e novo amante  
As negras furias levaõ, que despertaõ  
No afdicto coraçã desesperado

Ciúme, raiva, amor, odio, e vingança.  
 Assim o invicto domador dos monstros,  
 Quando por mão da credula consorte  
 Recebeo o vestido envenenado  
 No sangue infausto do biforme Nesso,  
 Os rochedos, e os montes abalava:  
 Soaraõ os seus funebres gemidos  
 Por longo tempo nas Ismarias grutas.  
 Valentes, e indiscretos vencedores  
 Tarde conhecereis, e muito tarde,  
 Que hum amigo ultrajado he perigoso.

Para soltar os opprimidos braços  
 Dorothea se empenha; mas Tiburcio  
 Lançando a esquerda mão á ruiva trança,  
 A fez voltar, torcendo-lhe o pescoço,  
 Ao claro Ceo a vista ameaçante.  
 Gaspar o ferro d'entre as mãos lhe arranca:  
 Este hum braço sustenta, outro Gonçalo,  
 E ella presa, e sem forças grita, e geme.  
 Não d'outra sorte o toiro da Chamusca,

Quan-

---

*Assim o invicto domador dos monstros.* Hercules, que recebeu de Deianira o vestido tingido no sangue do centauro Nesso, e agitado das Fúrias se lançou no fogo.

*Por longo tempo nas Ismarias grutas.* Ismaro monte de Thracia.

*Não de outra sorte o toiro da Chamusca.* Todos sabem, que nesta Villa são bravíssimos os toiros.

Quando tres caens o cercaõ atrevidos ,  
 Dois pendem das orelhas , e hum da cauda ,  
 A cornigera testa em vaõ facode :  
 Contra a terra se arroja a hum lado , e outro ,  
 E depois que naõ póde defender-se ,  
 Mugindo exhala a indomita fereza.

## CANTO V.

**A**Lto concelho aqui se faz , aonde  
 Infeliz Dorothea , o teu destino  
 Cruel , e dubio d'hum só voto pende.  
 Dos tres heroes discordaõ as sentenças.  
 Hum deseja que fique em liberdade ,  
 E do Pai ultrajado exposta ás iras :  
 Inexoravel outro pensa , e julga  
 Que a sua morte deve dar exemplo ,  
 Que encha d'horror as perfidas amantes.  
 Gonçalo , que era o unico offendido ,  
 Consulta o coração , e se-entenece.  
 Mas o ardente Ciume , que se-alegra  
 De pintar como crimes horrorosos  
 Innocentes acções , entaõ lhe-mostra  
 A feia Ingratidaõ , e o torpe Engano.  
 A vingança cruel , e o vil Desprezo

Ain-

Ainda mais terrivel, que a Vingança,  
Ganhaõ do coração ambas as portas.  
Mimosa Dorothea, e como ficas  
C'o as mãos ligadas a hum pinheiro bronco  
em outra companhia, que os teus males!  
De este o premio, filhas namora das,  
Este o premio de Amor, quando imprudente  
Os termos passa, que a razão prescreve.  
De quando em quando hum ai do peito arranca,  
Que ao longe os tristes magoados Echos  
Desperta, e faz sentir os duros troncos.  
E espera sem defeza ( fórte ingrata! )  
Que a devorem os lobos carniceiros.  
Assim ligada aos asperos rochedos  
A filha de Cephêo ao mar lançava  
A temerosa vista, e lhe parece  
A cada instante ver surgir das ondas  
A verde espalda do marinho monstro.

Sem esposo, sem pai, sem liberdade  
Miserá Dorothea chora, e geme.  
Ai, Marcella cruel, que m'enganaste  
Com teus bellos fantasticos agoiros!  
Queira o Ceo que outras lagrimas sem fruto

Mil

---

*A filha de Cephêo . . . Andromeda foi exposta a hum Monstro marinho. Ovid. metamorph.*

Mil vezes tresdobradas te-confumaõ  
Os encovados olhos ! Que inda a Morte  
A's tuas vozes furda correr deixe  
Peiorando em feu curso vagaroso  
Os momentos de dor , e de amargura !

Assim fallava : a leve Fantasia  
Com as cores mais vivas lhe appresenta  
D'escarpados rochedos no alto cume  
O palacio da candida Innocencia  
Cercado de funestos precipicios.  
O' morada feliz , onde não torna  
Quem huma vez rodou entre as ruinas !  
Giraõ no plano do elevado monte  
Cruas dores , remorsos devorantes ,  
As tres Irmãs a Peste , a Fome , a Guerra ,  
O pallido Receio , o Crime , a Morte ,  
As Furias , e as Harpias , que s' involvem  
No turbilhaõ dos miseros cuidados.

Entaõ de tantas lagrimas movida  
A mãy soberba do propicio Acasto ,  
A mudavel Fortuna , e já cançada  
De ouvir as tristes queixas de Rufino ,  
Tais palavras ao filho dirigia.



Esse amante infeliz, que em vão suspira,  
Ache a dita huma vez, e enxugue o pranto.  
Acaba de fallar, e ao mesmo tempo  
Rufino para o bosque s'encaminha,  
E o Acafo o conduz por entre as sombras  
Da pavorosa Noite, que já desce.  
A' rouca voz da misera donzella  
Alpita o coração: o Amor, e o Susto  
Chimericas imagens lhe afiguraõ;  
Mas elle chega: o proprio crime, e o pejo  
Sobrem de roxas nuvens o semblante  
De Dorothea ao ver-se ainda amada  
Por aquelle, que foi há poucas horas  
Salvo de seus insultos, e despresos.  
A molle vista, as lagrimas em fio,  
Que aos corações indomitos abrandãõ,  
Que fariaõ n'hum peito namorado?  
Tu lhe ensinas c'õ fraco rendimento  
Os meios de vencer. O' fete vezes  
Venturoso Rufino, s'ella hum dia  
Tãõ quizer renovar os seus triunfos,  
Medir a fraqueza do teu peito  
Elo grande poder das suas armas!

Depois de longa, e trabalhosa marcha  
Ançado de soffrer em fim respira

O Desertor, e mostra aos companheiros  
Os conhecidos montes. Fuma ao longe  
A fertil Miofelha, e pouco a pouco  
Os oiteiros, e as cascas apparecem.

Tiburcio, que humta antiga, e voraz fome  
Soffreo nestes asperrimos trabalhos,  
Com gosto espera de affoga-la em vinho,  
E já se-apressa alegre, e transportado.  
Qual o novilho, que perdeo nos bosques  
A doce vista do rebanho amigo,  
E depois de vagar a noite, e o dia  
Por valles sem caminho, a Mãy conhece,  
Alegre falta, e berra, e por momentos  
Espera humedecer entre caricias  
C'o leite reprefado a boca ardente.

Mas Cosme, que conserva na memoria  
As passadas injurias, por vingár-se  
Ao Tio de Gonçalo narra as causas  
Da funesta derrota. Determina  
Gaspar que os fatigados companheiros  
Achem na propria caza hum doce abrigo,  
De os ver a Mãy s' afflige; mas espera  
Que obrigados da fome se- retirem.  
Leve foi o Jantar, mais leve a Ceza,

Tiburcio com pena assim chorava  
 os dias, em que fora Thesoireiro  
 de huma rica, e devota Confraria.  
 De sancta occupaço, tu nunca viste  
 A magra maõ da pallida Miseria,  
 Que os fracos membros do mendigo apalpa.  
 Sem trabalho em teus providos Celeiros  
 A ditosa Abundancia se recolhe.  
 Se torno apossuir-te, quantas vezes  
 Dos cuidados tenazes, e importunos  
 Lavarás a minha alma nas perennes  
 Purpureas fontes do espremido cacho!

Mostra Gaspar vaidoso a livraria,  
 Donde o Tio Doutor fermoens tirava.  
 Máo Gosto, que á razaõ não dá ouvidos  
 Vem numerar as obras, que dictaste:  
 Seja a ultima vez, e eu te asseguro  
 Que não vejas fumar nos teus altares  
 Do Genio Portuguez já mais o incenso.

Geme infeliz a carunchosa Estante  
 C'õ peso de indulgentes *Casuistas*,  
*Dianas*, *Bonacinas*, *Tamburinos*

*Moias*,

---

*Casuistas* . . . . Pode ver-se o que delles diz Concina Appar. ad  
 Theol. Christ. c. 6. §. 5.  
*Theoremas predicaveis* . . . Colecção de Sermoes.

*Moiás, Sanches, Molinas, e Larragas.*  
 Criminosa Moral, que em furdo ataque  
 Fez nos muros da Igreja horrivel brecha,  
 Moral, que tudo encerra, e tudo inspira  
 Menos o puro amor, que a Deos se dêve.  
 Aparecei famosa *Academia*  
*De humildes, e Ignorantes, Eva, e Ave,*  
*Baculo pastoral, e Flos Sanctorum,*  
 E vós ó *Theoremás predicaveis,*  
*Naõ tomeis o lugar, que he bem devido*  
*Ao Kees, ao Bem Ferreira, ao Baldo, ao Pegaso*  
 Graõ Mestre de forenses subterfugios.  
 Aqui Tiburcio vê o amado *Aranha,*  
 O *Reys,* o bom *Suppico,* e os dois *Suares*  
 D' hum lado o *Sol nascido no Occidente,*  
 E a *Mystica Cidade,* d' outro lado  
 Cedem ao pó, e a roedora traça.  
 Por cima o *Lavatorio da consciencia,*  
*Peregrino da America, os Segredos*  
*Da natureza, a Fenix renascida,*  
*Lenitivos da dor, e os Olhos de agoa:*  
 Por baixo está de *Sam Patricio a cova,*  
 A *Imperatriz Porcina,* e quantos *Autos*

A

---

*Suares . . . Lusitano, e Granatense.*

*Olhos de Agoa . . . Obra que tem este titulo = Fluxo Breve, defengano perenne, que o Pegaço da Morte abriu no monte da contemplaçã em nove olhos de agoa para refrescar a alma das securas do espirito &c.*

A miseria escreveu do Limoeiro  
 Para entreter os cegos, e os rapazes.  
 Rudes montoens de Gothica escriptura  
 Quanto cheirais aos seculos de barro!  
 Falta ainda huma Estante; mas Amaro  
 Seguindo os passos da roubada filha  
 Caminha afflicto, e de encontrar receia  
 O valente esquadrão, que procurava.  
 Tanto a fama das bellicas proezas  
 O seu nome fazia respeitado!

Que novas desventuras se-preparão!  
 O povo cerca da Viuva as portas;  
 Quando a triste Ignorancia, que deseja  
 Arrancar d'entre os asperos perigos  
 Aos seus Heroes, por boca de Gonçalo  
 Começou a fallar. Se tantas vezes  
 Mais que heroico valor tendes mostrado,  
 He este o campo, hide a cortar os loiros  
 Para cingir a vencedora frente.  
 Não se diga que fostes opprimidos  
 Por fraca, e rude plebe: este combate

E

Não

Todas as obras nomeadas neste lugar são conhecidas, e quando o não fossem bastaria ver os titulos para julgar do seu merecimento, e da barbaridade do seculo, em que foram escriptas. Talvez não sejam estas as mais extravagantes á vista do *Chrysol Seráfico*, da *Tuba concionatoria*, *Synagma comparístico*, *Præmovera Sagrada*, &c. *Limoeiro*. A cadeia publica da Corte

Naõ se pôde evitar: só dois caminhos  
Em tanto aperto aos olhos se offerecem.  
Escolhei ou a India , ou a Victoria.

Dice , e depois abrindo huma janella ,  
Arroja de improviso sobre o povo  
De informe barro huma espantosa talha.  
Secco trovaõ , que faz gemer os Polos  
Quando vomitaõ as pesadas nuvens  
Do occulto feio a negra tempestade ,  
Naõ causa mais pavor : ao golpe horrendo  
Muitos feridos , muitos affombrados  
Manchaõ de negro pó as maõs , e o rosto.  
Amaro anima aos feos , e em quanto voaõ  
Contra a janella mil pesados feixos  
( Que novo estratagema ! ) O Antiquario  
Finge da capa hum vulto , que apparece  
De quando em quando , com que attrahe as armas,  
Que haõ de servir depois para a defesa.

Novo furor os coraçõens accende.  
Qual a grossa faraiva ao sopro horrivel  
Do Boreas turbulento embravecido  
As fearas derrota , os troncos despe ,  
E o triste lavrador contempla , e chora  
A perdida esperança de seus frutos:

Assim de pedras vaga , e densa nuvem  
 Sahe da janella a devastar o campo:

As que arroja o Heroe já se distinguem  
 Pelo som entre as mais , já pelo estrago.

A confusão , e o susto ao mesmo instante  
 Pelo povo f'espalha : entãõ Gonçalo

Valeroso sahio por hum postigo :  
 Depois Gaspar ; o intrepido Tiburcio

Mettendo o braço , e a cabeça clama  
 Que o naõ deixem ficar naquelle estado.

O Heroe as maõs firmando nas orelhas  
 Ainda mais o aperta , e deixa exposto

Da plebe ao riso , a colera de Amaro.  
 Quantas vezes Tiburcio desejava

Naõ ser de grosso peito , e largo ventre !

O Desertor em fim cansado chega  
 A presença do Tio formidavel ,

A teimosa Ignorancia , que se afferra ,  
 Que affirma sómente porque affirma

O coração de novo lhe endurece.  
 A soffrer o trabalho dos estudos

O Tio o anima , e roga , e a meação ,  
 Mas o Heroe inflexivel só responde

Que naõ há de mudar do seu projecto.  
 Naõ he mais firme a carrancuda rocca ,

Com

Com que Cintra foberba enfreia os mares :  
 Nem tu ó Paõ de Açucar namorado  
 Da formosa Cidade , Velho , e forte ,  
 Que dás repouso ás nuvens , e te-avanças  
 Por defende-la do furor das ondas.

Entaõ falando o Tio em torpes crimes ,  
 E em furtadas Donzellas , ergue irado  
 Co' a maõ inda robusta o páo grosseiro ,  
 E a paixãõ defabafa : a longa idade  
 Prohibe-lhe o correr ; mas não prohibe  
 Que o páo com força ao longe o acompanhe.  
 Ai Gonçalo infeliz , que dura estrella  
 Maligna scintillou quando nasceste !  
 Depois de mil trabalhos infofríveis  
 Onde o gosto esperavas , e o focego  
 Viste nascer estragos , e ruinas.  
 Assim depois dos ultimos combates ,  
 Que as margens do Scamandro enfanguentaraõ ,  
 O Rey potente d' Argos , e Mycenas  
 Esperando abraçar faudofo os Lares ,  
 Abraça o ferro de huma maõ traidora.

Fecha-

---

*Cintra* . . . Serra , que acaba na fóz do Tejo com nome do cabo da Rocca.

*Paõ de Açucar* . . Grande rochedo na barra da Cidade do Rio de Janeiro.

*Rey potente* . . . Agamemnon , que voltando do Cerco de Troia foi assassinado por Egefto.



Fechadas tem o experto Tio as portas :  
 Volta Gonçalo , encontra novos golpes ,  
 E jaz em fim por terra ! Ferve o sangue  
 Da boca , e dos ouvidos : sem acordo  
 Apenas se conhece que inda vive ;  
 Mas tem gloria de trazer com figo  
 A derrotada estúpida Ignorancia.  
 Ella reina em seu peito , e se contenta  
 De ter roubado aos muros de Minerva  
 De fracos Cidadaons o preço inutil.

Goza, Monstro orgulhoso, o antigo Imperio  
 Sobre espiritos baixos, que te adoraõ ;  
 Em quanto á vista de hum Prelado illustre ;  
 Prudente , Pio , Sabio , e Justo , e Firme  
 Defensor das Sciencias , que renascem ,  
 Puras as agoas cristalinas correm  
 A fecundar os apraziveis campos.  
 Brotaõ as flores , e apparecem frutos ,  
 Que haõ de encurvar co' proprio peso os ramos  
 Nos bellos dias da estaçaõ doirada.  
 Possa a robusta maõ , que o Sceptro empunha ;  
 Lançar-te n'hum lugar taõ defabrido ,  
 Que te sejaõ amaveis os rochedos  
 Onde os coriscos de continuo chovem.

---

. Onde os Coriscos . . . Os Montes Acroceraunos de Epiro,  
 onde frequentemente cahem rayos.

# SONETO

A Terra opprima porfido luzente ,  
E brilhante metal , que ao Ceo erguidos  
Os altos feitos mostrem esculpidos  
Do Rey , que mais amou a Lusa Gente.

Esteja aos Regios pés Dragaõ potente ,  
Que tanto os póvos teve espavoridos ,  
C'os tortuosos collos suspendidos  
No gume cortador da espada ardente.

Juntas as castas filhas da Memoria  
As brancas azas sobre o Throno abrindo  
Assombrem a doirada , e muda Historia.

Ao Indio livre já cantou Termindo.  
Que falta , Grande Rey , á tua Gloria ;  
Se os loiros de Minerva canta Alcindo ?

E. G. P.

# SONETO

**E**M quanto o Grande Rey c'ó a mão potente  
Quebra os grilhoens do Erro, e da Ignorancia,  
E em quanto firma com igual constancia  
A' Sciencia immortal Throno luzente.

Nova Musa de clima differente

Canta do Pai da Patria a vigilancia;  
Vingando a Mãy das luzes da arrogancia;  
Com que a despreza o estúpido indolente.

O Monstro de mil bocas sem focego,  
Que a Gloria de Jozé vai repetindo  
Ou sobre a Terra, ou sobre o immenso Pego!

Com ella o nome levará d' Alcindo  
Desde a invejada margem do Mondego  
Ao patrio Paraguai, ao Zaire, ao Indo.

L. J. C. S.

94-62

SONETTO

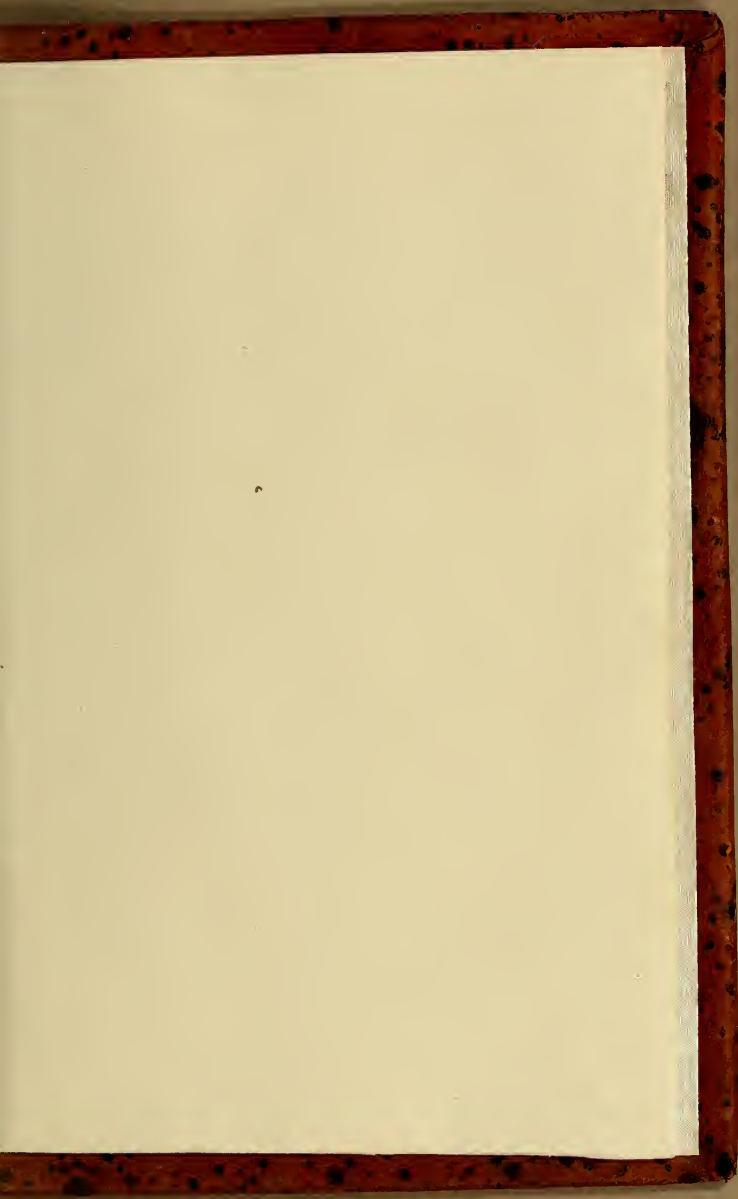
Amor, che di te stesso non ti senti,  
che di te stesso non ti senti,  
che di te stesso non ti senti,  
che di te stesso non ti senti.

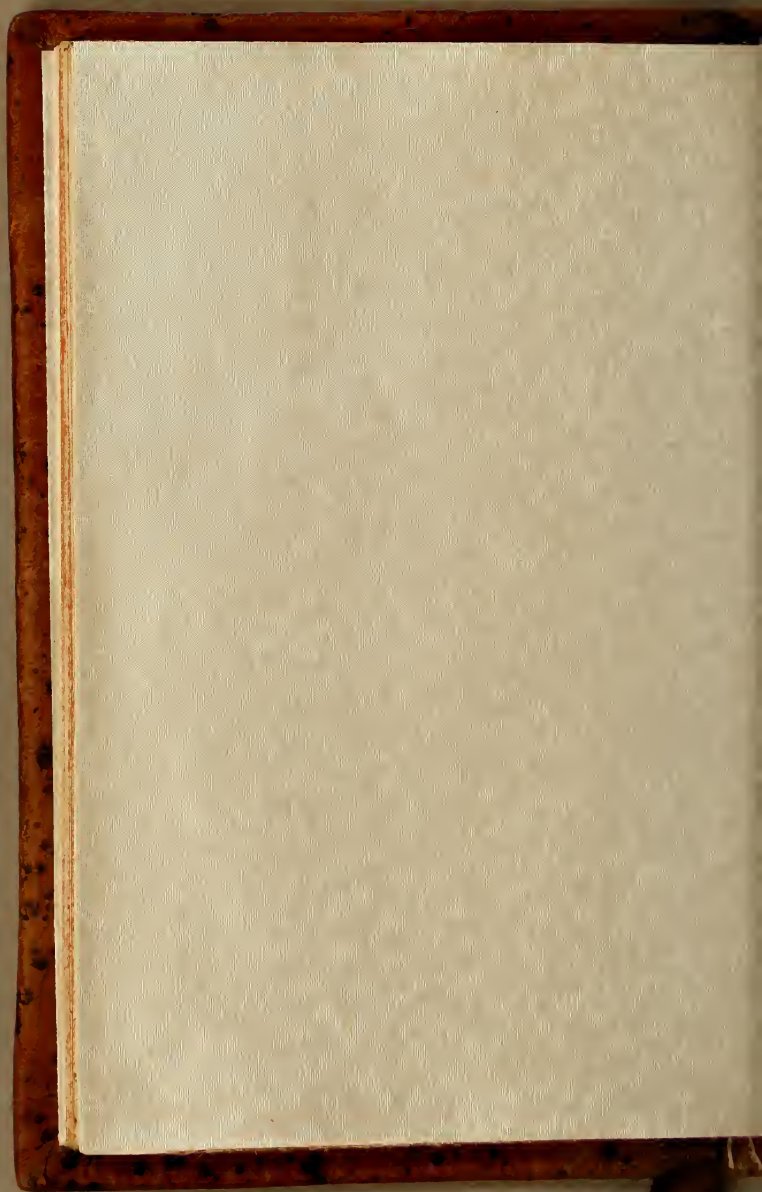
Amor, che di te stesso non ti senti,  
che di te stesso non ti senti,  
che di te stesso non ti senti,  
che di te stesso non ti senti.

Amor, che di te stesso non ti senti,  
che di te stesso non ti senti,  
che di te stesso non ti senti,  
che di te stesso non ti senti.

Amor, che di te stesso non ti senti,  
che di te stesso non ti senti,  
che di te stesso non ti senti,  
che di te stesso non ti senti.

L. G. S.





C774  
A472d

